

HISTÓRIA E QUESTÕES DE GÊNERO NA LITERATURA: REPRESENTAÇÃO E IMAGINÁRIO NAS PÁGINAS DE *OS CORUMBAS*

ANDRÉA PATRÍCIA SANTOS MELO*

INTRODUÇÃO

Intitulado *História e Questões de Gênero na Literatura: Representação e Imaginário nas Páginas de Os Corumbas*, nosso estudo pretende, inicialmente, levantar algumas questões, tais como: quais as aproximações possíveis entre a História e a Literatura? Como o estudo de *Os Corumbas* pode contribuir para compreendermos a sociedade aracajuana entre os anos de 1920 a 1933? Quais os papéis estabelecidos para o homem e a mulher sergipana do início do século XX? Que visão de mundo é defendida por Amando Fontes, principalmente no que se refere às concepções sobre gênero?

Publicado em 1933, o romance *Os Corumbas* é considerado, até os dias atuais, como um dos mais importantes da literatura sergipana. Tema de monografias e dissertações de mestrado, a obra em questão já foi analisada sob diversos aspectos. Estudos sobre o espaço urbano, a questão da prostituição e do proletariado sergipano foram alguns dos temas analisados.

O romance narra a trajetória dramática da família Corumba, formada por Seu Geraldo, “Sá” Josefa e seus cinco filhos (Pedro, Rosenda, Albertina, Bela e Caçulinha), que deixam o sertão do estado de Sergipe, em busca de uma vida melhor na capital, Aracaju. A seca que assola o estado no início do século XX e as dificuldades de trabalho na roça tiram da família todas as perspectivas de permanecerem no interior. Surge a chance de emprego para as filhas nas fábricas têxteis da capital, gerando na família a esperança de novas oportunidades. Porém as tentações e armadilhas da “cidade grande” tornam o sonho em um grande desgosto para o casal, que, ao final

*Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe

da história, retorna ao interior, tendo uma filha morta, o único filho preso e as demais filhas envolvidas na prostituição.

Atualmente em sua 25ª edição, este livro constitui-se em uma interessante fonte de pesquisa para análise de diversos aspectos da recém-criada capital do estado. O cenário apresentado em *Os Corumbas* traz importantes elementos acerca do cotidiano aracajuano no início do século XX. Aspectos da política, da vida nas fábricas, o dia a dia e as formas de lazer na cidade de Aracaju neste período são abordados por Amando Fontes. Através da obra, podemos investigar os costumes, tradições e concepções morais do homem e da mulher sergipana, constituindo-se, portanto, em uma importante fonte para análise do comportamento da época.

A partir deste estudo, podemos compreender um pouco mais acerca do imaginário e das questões culturais e sociais que permeavam a cidade de Aracaju nas primeiras décadas do século XX, principalmente no que se referem às relações entre homens e mulheres, suas visões de mundo, seus preconceitos e estereótipos.

Partindo desta concepção, investigaremos como a Literatura pode nos trazer pistas sobre o universo cultural da capital de Sergipe neste período, principalmente no que se refere às questões de gênero. Nosso objetivo é perceber a importância da obra literária como fonte histórica, utilizando-a como instrumento para a compreensão de um momento importante da história de Aracaju.

O AUTOR

Além de conhecermos um pouco sobre a obra a ser estudada, consideramos relevante a apresentação de uma breve biografia acerca do autor.

Amando Fontes nasceu em Santos/SP, em 15 de maio de 1899. Sua família muda-se para Aracaju, após a morte de seu pai, quando o escritor tinha apenas cinco anos de idade.

Aos 15 anos começa a trabalhar no Diário da Manhã, exercendo a função de revisor.

Posteriormente, muda-se para Belo Horizonte, onde passa a ter contato com a leitura de autores como José de Alencar, Eça de Queiroz, Comte, Schopenhauer, Machado de Assis, dentre outros.

No final do ano de 1919 dá início à produção de *Os Corumbas*, retomada apenas uma década depois. Após uma trajetória de diversos afastamentos dos estudos, em virtude de problemas de saúde, consegue diplomar-se em Direito, na Bahia, no ano de 1928.

Passa a dedicar-se à advocacia e muda-se para a capital federal, Rio de Janeiro, onde concluiu a obra *Os Corumbas*. Publicada em 1933, é bem recebida pela crítica e agraciada com o recém-lançado Prêmio Felipe d'Oliveira. Em 1937 publica sua segunda obra, *Rua do Siriri*.

Exerceu a vida pública como deputado federal, por dois mandatos (1934 e 1946). Faleceu em 1º de dezembro de 1967, deixando inacabado o romance *O Deputado Santos Lima*, no qual retratava os últimos anos da República Velha até o ano de 1933.

No decorrer de nossas pesquisas outros elementos da vida de Amando Fontes deverão ser levados em consideração. Sua posição na sociedade, além das motivações do autor terão relevância na construção do nosso objeto.

JUSTIFICATIVA

A escolha do tema surgiu de um interesse antigo em estudar a cidade de Aracaju, em seu primeiro século de existência. Consideramos que a análise sobre o modo de vida, os costumes, a visão de mundo e o imaginário popular aracajuano requerem uma maior atenção da historiografia sergipana.

Em nosso primeiro contato com *Os Corumbas*, nos deparamos com um drama nordestino, semelhante a muitos outros. A seca que se impõe com maior força sobre a população mais humilde modifica destinos e estabelece novas trajetórias de vida, nem sempre satisfatórias.

Enquanto foi possível permanecer no sertão, a família tentou sobreviver de todas as maneiras. Numa casa “cheia de mulheres” (quatro filhas e apenas um filho), as possibilidades de emprego e de renda eram ainda mais escassas. Com a chegada da seca todos se dão por vencidos.

Tão violenta foi a seca de 905, que o capim cresceu e secou no leito estorricado dos ribeiros. Assolou tudo, matou tudo! (...) Geraldo, a êsse tempo (...) Lutou contra a miséria enquanto pôde. (...) Mas tiveram de desanimar, como outros tantos. Perceberam que só lhe restava o recurso de desertar, fugir pra sempre daquele torrão maldito. (FONTES, 1971, p.8)

Apesar do status de capital de Sergipe, Aracaju era uma cidade nova, fundada há menos de 80 anos (1855), ainda conservando traços de cidade do interior. A região do atual Bairro Industrial, onde se desenvolve grande parte da trama, passava por um processo de industrialização, com a implantação de fábricas têxteis.

O trabalho nas fábricas é o destino da maioria destes que, em péssimas condições de trabalho, enfrentam longas jornadas, ameaçando sua saúde diariamente. Neste contexto que o drama familiar vai emergir, quando as jovens filhas de Seu Geraldo e Sá Josefa, uma a uma, tem seus destinos radicalmente transformados com situações de assédio, investidas sexuais e defraudações emocionais que levam a família a um final de frustração e desgosto. Em um final dramático, o romance mostra o regresso do casal ao interior, deixando a cidade de Aracaju para trás, onde segundo Seu Geraldo, “[...]encontra uma vergonha em cada esquina” (FONTES:1971, p. 169)

E assim, de pensamento em pensamento, foram repassando as últimas ocorrências de suas vidas.

Há seis anos tinham vindo, tão cheios de esperança... A cidade, com o ganho das Fábricas, o casamento para as meninas, o professorado de Caçulinha, fôra tudo ilusão, que por água abaixo descera (Idem, p. 171)

Em sua obra, Amando Fontes tece um drama familiar de grande sensibilidade, retratando como os sonhos de uma família humilde do Nordeste transformaram-se numa trágica decepção. A forte concepção patriarcal machista nordestina dá o tom nas atitudes, concepções e

preconceitos abordados no texto, mostrando como à mulher era dada a única condição de zelar por sua honra e pureza sexual. Aquelas, que por sua ingenuidade, ou até pelo seu próprio desejo são levadas a tomar outros caminhos, recebem, por sua vez, a total execração da sociedade, tendo, muitas vezes, como única opção, seguir para a prostituição.

Pelas características literárias apresentadas, *Os Corumbas* tem sido inserido no contexto do chamado “romance de 30”, gênero literário marcado pela temática regional e preocupação com as questões sociais. Autores como Raquel de Queiroz e Graciliano Ramos são grandes exemplos de escritores que trabalharam a questão do sertão e suas mazelas. Durval Muniz de Albuquerque, em sua obra *A Invenção do Nordeste* (2009), considera que o romance de 30 trouxe à tona uma nova visão acerca do Nordeste. Ao abordar as suas diversas realidades, estes autores denunciaram os problemas e sofrimentos do homem nordestino, contribuindo para a própria “invenção” do Nordeste. Para ele:

O romance de trinta instituiu uma série de imagens em torno da seca que se tornaram clássicas e produziram uma visibilidade da região à qual a produção cultural subsequente não consegue fugir. (...) Nordeste da despedida dolorosa da terra, de seus animais de estimação, da antropofagia. Nordeste da miséria, da fome, da sede, da fuga para a detestada zona da cana ou para o Sul. (ALBUQUERQUE Júnior, 2009, p.139)

José Hildebrando Dacanal (1982) também dedica parte de seus estudos à literatura brasileira do período. Em *O Romance de 30*, o autor insere a obra de Amando Fontes no entre os romances realistas produzidos no período. Apesar do esquecimento e rejeição de alguns críticos, o autor aponta o diferencial da obra, que tece de maneira simples, mas dramática, um quadro social no qual a miséria e a exploração são os elementos mais marcantes. Segundo Dacanal: “(...) a obra de Amando Fontes se sobrepõe a qualquer um dos romances de 30, aproximando-se de clássicos do gênero como *Germinal*, de Émile Zola e, principalmente, de *Huazipungo*, do equatoriano Jorge Icaza.” (DACANAL, 1982, p. 45)

Os Corumbas já foram tema de monografias e dissertações de mestrado em Sergipe e fora do estado, com temáticas variadas. A saga dos retirantes do interior de Sergipe é considerada, até os dias atuais, como uma das obras mais importantes da literatura sergipana, tendo recebido, ao longo dos anos, grandes elogios de escritores consagrados, como Alcântara Machado e Mário de Andrade:

[...] *estréia com um romance que é excelente por mais de um motivo. Primeiro, por que é um romance. Quero dizer: tecnicamente construído e bem construído. Não há demasias. (...) Segundo porque desce um degrau na errada escala social e abandona a pequena burguesia (em torno da qual tem girado quase toda a nossa literatura de ficção) pelo proletariado. **Abre um novo caminho para o nosso romance: com muitos anos de atraso chega à fábrica.*** (MACHADO, 1933)¹

[...] *Seu livro não carece de favores de ninguém. Vale por si, bem descrito, bem entrecados, os personagens vivem, o ambiente convive com o leitor. E v. tem uma qualidade especial, o dom da dialogação.*" (ANDRADE, s/d)²

Entendemos que ao escrever, os escritores também deixam pistas sobre suas próprias opiniões e visões de mundo. Em seus textos, muitos autores demonstram, mesmo que de forma cifrada, sua representação do mundo, produzindo e/ou reproduzindo concepções que reforçam as diferenças sexuais e legitimam a discriminação.

Optamos por realizar um estudo acerca das relações de gênero e não apenas da condição feminina. Investigar como era a sociedade aracajuana entre os anos 1920 e 1930 nos ajuda a entender aspectos como o cotidiano e a vida nas fábricas, por exemplo, como também nos possibilita uma maior compreensão de como se davam as relações entre homens e mulheres, abrindo caminhos para desvendarmos os preconceitos, estereótipos e visões de mundo do homem e da mulher sergipana acerca de si e do outro.

O imaginário popular é rico em representações sobre a mulher. No Nordeste, especificamente, valores ligados à Igreja e aos resquícios da sociedade patriarcal falavam, de maneira contundente, sobre os costumes e modos de agir. Para as mulheres, tais exigências eram ainda maiores, pois o peso da submissão tem seus fundamentos profundamente arraigados em uma tradição cristã. Portanto, qualquer comportamento considerado transgressor sofria duras críticas.

Em uma sociedade profundamente alicerçada em princípios patriarcais, os papéis destinados a homens e mulheres são bem definidos. O que é considerado tabu para as mulheres,

¹ Crítica de Alcântara Machado, publicada no Diário de São Paulo, no ano de 1933 (obtida na 9ª edição de Os Corumbas).

² Crítica de Mário de Andrade, s/d, obtida na mesma edição de Os Corumbas.

aos homens é perfeitamente permitido. A pureza sexual e virgindade são para o sexo feminino valores extremamente importantes, enquanto para os homens, o comportamento valorizado é totalmente contrário. O homem conquistador, amante de várias mulheres, tem nessa sociedade machista um grande respaldo.

É notório que as conquistas femininas ao longo do século XX tornaram concepções como estas totalmente ultrapassadas. Porém, mesmo em pleno século XXI, podemos presenciar diversos tipos de abusos em relação à liberdade de homens e mulheres de se expressarem e de viverem em plena igualdade de direitos.

Nosso trabalho busca, portanto, investigar uma parte pouco explorada da obra de Amando Fontes, percebendo como as questões de gênero são retratadas em *Os Corumbas*. Este romance pode, sim, ser uma excelente fonte para analisar os costumes e o imaginário da sociedade sergipana, no que se referem às concepções sobre homens e mulheres, compreendendo quais os papéis que a sociedade lhes impunha como ideais.

Consideramos que a literatura pode ser um importante instrumento para a análise destas questões. A realização deste estudo pretende cumprir seu objetivo, não somente na crítica literária, mas na percepção da obra como fonte histórica, contribuindo para uma maior compreensão deste momento da história de Aracaju. A produção deste trabalho busca, portanto, resgatar aspectos de um importante período da história sergipana, lançando novos olhares acerca dos estudos sobre gênero. Se a literatura assume o papel de fonte nesta empreitada, cabe a nós, como historiadores, decifrarmos da melhor forma possível, os discursos velados e sentimentos contidos que as páginas desta obra podem trazer à tona.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA

Compreendendo nosso objeto na perspectiva da História Cultural, consideramos que a Literatura, assim como outras formas de linguagem, traz consigo uma gama de significados. O

pesquisador deve atentar para sua importância como fonte e objeto de estudo.

Nesta categoria de análise, a convergência entre História e Literatura pode ser extremamente proveitosa para o estudo do tema em questão. Seja na História Social ou Cultural, o uso da fonte literária tem trazido bons frutos, possibilitando a percepção de certos aspectos do cotidiano e dos modos de pensar de uma sociedade.

Não perdendo de vista a compreensão de que se trata de uma obra de ficção, podemos afirmar que uma obra literária está inserida em um dado momento histórico e que seu autor, como membro de uma sociedade, não estava alheio às mudanças culturais, econômicas e sociais e às permanências que entravam em conflito neste contexto. Cabe ao historiador perceber como a literatura pode nos fornecer os indícios necessários para a compreensão deste dado momento histórico.

Partindo destas breves considerações, julgamos necessária a apresentação dos conceitos que orientarão nossa pesquisa.

O primeiro conceito a ser destacado é o de representação. Uma das categorias centrais da História Cultural, o conceito de representação foi formulado pelos sociólogos, Marcel Mauss e Émile Durkheim e, posteriormente incorporado pelos historiadores culturais. Roger Chartier foi um dos seus maiores defensores, considerando-o como pedra angular da chamada Nova História Cultural, pressuposto necessário para a compreensão da cultura enquanto prática. A representação não seria uma cópia do real, mas uma construção feita a partir dele. (PESAVENTO: 2005, p.40)

Entender que o historiador tem acesso ao passado através de representações, nos ajuda a perceber a importância da utilização deste conceito. Sua apropriação é essencial no estudo acerca das aproximações e distanciamentos entre os discursos histórico e literário, nos auxiliando a investigar quais imagens foram sendo reproduzidas acerca de homens e mulheres. Neste sentido a obra em questão se apresenta como indício para compreensão da sociedade e das questões de gênero que a permeavam.

Outro conceito caro à História Cultural é o de imaginário. O filósofo Bronislaw Baczko o define como “sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas construíram para si, dando sentido ao mundo.” (PESAVENTO: 2005, p.43). Já o filósofo Cornelius Castoriadis amplia o conceito, considerando o imaginário como a “[...] capacidade

humana para representação do mundo, com o que lhe confere sentido ontológico” (Ibid). O historiador Jacques Le Goff, ao analisar o conceito de imaginário, o considera como superação do conceito de mentalidade, formulado na Escola dos Annales. Para ele, “(...) tudo aquilo que o homem considera como sendo a realidade é o próprio imaginário.” (PESAVENTO: 2005, p. 44).

Através da apropriação deste conceito, podemos adentrar nos valores, angústias e concepções de mundo, percebendo como os homens e mulheres de determinada época pensavam e agiam, quais os sentimentos, preconceitos e estereótipos que os moviam. A literatura, neste sentido, “é fonte privilegiada para a leitura do imaginário.” (Ibid)

Além dos conceitos de representação e imaginário, uma análise da categoria de gênero faz-se necessária, em uma perspectiva que dê visibilidade às personagens da obra em questão.

Nas primeiras décadas do século XX, Simone de Beauvoir estabelece um marco para os estudos sobre a condição feminina, ao publicar, na década de 1940, a sua obra *O segundo sexo*, afirmando que, “ninguém nasce mulher, torna-se mulher.” (BEAUVOIR apud GONÇALVES, 2006, p. 52). Suas afirmações lançam um importante debate, ao estabelecer que as relações sociais são construídas historicamente e não sob critérios biológicos.

A partir desta compreensão os estudos sobre gênero ganharam uma nova perspectiva de análise. A história das mulheres, neste sentido, passa a ser compreendida a como um fenômeno construído social e historicamente e que, portanto, não pode ser vista de maneira homogênea e universal. Da mesma forma que também não podemos falar em uma “história da mulher”, no singular, pois tais idéias contribuem de maneira significativa para uma melhor compreensão das múltiplas identidades e representações que envolvem a relação entre os sexos.

Um dos grandes nomes dos estudos sobre gênero, Joan Wallach Scott (1994) é referência constante nas pesquisas relativas às mulheres. Para Scott, o conceito deve ser entendido como o saber historicamente produzido a respeito das diferenças sexuais. Ela também aponta para a necessidade de se um repensar mais crítico acerca da categoria de gênero, possibilitando à história das mulheres o reconhecimento como lugar de produção deste conhecimento.

Partindo deste conceito, Joan Scott estabelece as relações entre história e gênero, bem como suas preocupações em relação à teoria. Para a historiadora, as tentativas de se utilizar da

história social como perspectiva de análise da história das mulheres trouxe, dentre outros problemas, o de reforçar a concepção de que as diferenças sexuais são biológicas e naturais e não sociais, justificando, dessa forma, a discriminação entre os sexos.

Apesar dos avanços alcançados, os estudos de gênero estão sempre em busca de novas metas, dentre elas a relativização sobre o próprio conceito, de modo a criar novos instrumentos de análise que possibilitem a formação de um novo entendimento sobre as diferenças sexuais.

É importante esclarecer que, tendo em vista a ampliação do nosso objeto de pesquisa, os estudos sobre gênero deverão ser estendidos, buscando estabelecer novas leituras e perspectivas de análise, compreendendo como as diferenças sexuais foram representadas na obra em estudo, percebendo as concepções presentes sobre gênero na literatura.

Consideramos que os conceitos apresentados deverão orientar nossa pesquisa, definindo os problemas a serem discutidos neste trabalho. Em um estudo que se propõe a lançar reflexões sobre gênero e a sua representação em uma obra literária, a apropriação de concepções fundamentais na História Cultural é mais que necessária, de modo a demarcar o olhar sobre o nosso objeto, bem como orientar o nosso método de pesquisa e a escolha das fontes.

A partir deste entendimento, julgamos necessário apresentar os pressupostos teóricos que orientam este trabalho, situando-os numa discussão que considere as relações possíveis entre a História e a Literatura.

Sandra Jatahy Pesavento, estudiosa da História Cultural, dedicou parte de suas pesquisas às interações entre a História e a Literatura; abordando, dentre outras questões, a aproximação entre ambas e o seu papel enquanto fonte e representação do real. Em *História & História Cultural* (2005), a historiadora realiza um verdadeiro manual sobre a História Cultural, discutindo os principais pressupostos e temáticas relacionados a esta abordagem historiográfica. Uma de suas obras mais importantes *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre* (1999) traz a análise de Pesavento acerca das representações literárias sobre a cidade, utilizando como exemplo Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Através da Literatura a historiadora busca perceber a cidade como problema e como tema de reflexão, resgatando as múltiplas construções produzidas sobre o espaço urbano, atores e práticas sociais.

Para a autora, através do conhecimento do pesquisador, a Literatura pode fornecer novas

perspectivas de análise do seu objeto. Além disso, o historiador consegue trazer à visibilidade personagens esquecidos pela história, como no caso dos negros e das mulheres.

No campo da História Social ou Cultural, as obras literárias constituem-se em uma excelente fonte de pesquisa, contribuindo para a reconstrução do tempo histórico. Através da obra literária temos acesso aos sentimentos, concepções, valores e ideias que compõem o imaginário de uma época. De acordo com a historiadora:

A literatura é, pois, uma fonte para o historiador, mas privilegiada, porque lhe dará acesso especial ao imaginário, permitindo-lhe enxergar traços e pistas que outras fontes não lhe dariam. Fonte especialíssima, porque lhe dá a ver, de forma cifrada, as imagens sensíveis do mundo. (...) Por vezes, a coerência de sentido que o texto literário apresenta é o suporte necessário para que o olhar do historiador se oriente para outras tantas fontes e nelas consiga enxergar aquilo que ainda não viu. (PESAVENTO, 2005, p. 6)

Enquanto a Literatura se dedica ao que “poderia ter sido”, a História se debruça sobre “o que aconteceu”, buscando, no entanto, uma verossimilhança, pois para a autora, a verdade, em sua totalidade, nunca poderá ser atingida. Pesavento considera que História e Literatura possuem aproximações e divergências que se compreendem no campo epistemológico. Apesar de ambas representarem os sentimentos, as inquietudes e problemas dos homens em sua época, a História tem como diferencial esta busca pela verdade, meta que a impele a aproximar-se o máximo possível do passado.

Com relação ao uso da Literatura pela História, Pesavento afirma:

[...] é a História que formula as perguntas e coloca as questões, enquanto que a Literatura opera como fonte. A Literatura ocupa, no caso, a função de traço, que se transforma em documento e que passa a responder às questões formuladas pelo historiador. Não se trata, no caso, de estabelecer uma hierarquia entre História e Literatura, mas sim de precisar o lugar de onde se faz a pergunta. (Op. cit, p. 82).

Ciro Flamarion Cardoso (1997) também levanta importantes considerações sobre a utilização da Literatura como fonte, ressaltando a necessidade de uma relação entre texto e contexto. Para ele:

[...] considerar o conteúdo histórico do texto dependente de sua forma não implica, de nenhum modo, reduzir a história ao texto, a exemplo do que fazem os autores estruturalistas ou pós-estruturalistas, que negam haver história fora do discurso. Pelo contrário, trata-se, antes, de relacionar texto e contexto [...] Em uma palavra, o historiador deve sempre, sem negligenciar a forma do discurso, relacioná-lo ao social. (CARDOSO, 1997, p. 540)

Ao nos debruçarmos sobre uma obra literária, não podemos deixar de contemplar as discussões que permeiam a sua utilização como fonte, partindo do debate sobre o que é “verdade” na História.

Felipe Fernández Armesto (2000) afirma a necessidade de a História voltar-se para questões como a verdade. Para ele, vivemos numa crise de valores e de incertezas. A sociedade atual precisa apoiar-se em algum pressuposto, alguma “crença” que se sobreponha à incredulidade gerada pelo pós-modernismo. Armesto enfatiza a necessidade de uma “História da Verdade”, pois, segundo ele: “Não há ordem social sem confiança, e não há confiança sem verdade ou, no mínimo, sem procedimentos aceitos de apuração da verdade.” (ARMESTO: 2000, p. 17). Se a verdade é efêmera ou não, universal ou imutável, são questões que precisam estar em debate. A verdade, neste sentido, deve tornar a ser tema da História.

José Carlos Reis (2006) também discute as relações possíveis entre a História e a Verdade. Para ele, diversas objeções são apresentadas à História, de modo a desqualificá-la como conhecimento científico, dentre elas o próprio conceito de “verdade” e “objetividade”. Reis analisa o tema da verdade histórica sob duas vertentes, a dos chamados "realistas" (Ranke, Weber, Marx, Ricoeur e Marrou) e a dos "nominalistas" (Foucault, Michel de Certeau, DUBY, Koselleck). Citando as idéias de Henri Marrou, o autor aponta que:

[...] o historiador sempre será pessoal em sua relação com os homens do passado. Mas essa subjetividade constituinte da história não representa uma queda no irracional, na intuição. A subjetividade presente na "verdade histórica" não é uma limitação, mas um trunfo. (REIS, 2006, p.165)

Em outro artigo, Reis analisa as obras de Hayden White e Paul Ricoeur no que se refere às interações entre a narrativa histórica e a narrativa literária. Segundo o autor de *O desafio historiográfico*, Hayden White considera que a história elabora uma representação narrativa do

passado, não sendo, portanto, o passado em si, tendo, portanto, elos com a literatura. Para White não há uma oposição entre elas, pois “[...]Ao se relacionar com a ficção, a historiografia se livra de visões corretas, seguras, que só são ideologias perigosas. O ideológico fica reconhecível quando se reconhece que é ficcional.” (REIS:2010, p. 66). Paul Ricoeur, por sua vez, considera que a única forma de abordar o tempo seria através da “imitação narrativa”, como o fazem a história e a literatura. História e literatura seriam complementares, pois apesar de possuírem atitudes diferentes diante da temporalidade, ambas possuem o mesmo objetivo: dar forma e sentido à experiência vivida. (REIS:2010, p. 71).

O historiador e filósofo Frank R. Ankersmit (2012) também dedica seus estudos às interações entre a História e a Literatura. Ankersmit procura analisar como a verdade se estabelece, tanto na historiografia quanto na literatura. Para ele, o importante é perceber como se manifesta a verdade em ambos, partindo do pressuposto de que cada um exemplifica uma forma específica de verdade (ANKERSMIT, 1996, p. 51). A verdade literária existe e o romance é capaz de expressar esta verdade, ao nos mostrar uma visão das coisas e expressar verdades acerca do homem e da “condição humana”. O autor ressalta a existência de uma “ponte cognitiva” entre a narrativa histórica e o romance e que esta ligação deve ser cada vez mais levada em consideração. (ANKERSMIT:2012, p.302)

Em uma perspectiva de abordagem histórica que considere a diversidade de fontes existentes, entendemos que a compreensão destes pressupostos teóricos seja fundamental. A utilização de uma obra literária como fonte, por exemplo, implica em uma compreensão acerca de seus usos e das possíveis aproximações entre a História e a Literatura. Embora se trate de uma obra de ficção, o historiador, em seu trabalho de crítica documental, deve perceber as diferenças entre as fontes a serem utilizadas. O conceito de verdade para o historiador sempre será mantido, o que muda são as questões a serem formuladas pelo pesquisador.

No que se refere aos pressupostos metodológicos de nosso trabalho, consideramos que a metodologia mais adequada priorize o método qualitativo, com a pesquisa bibliográfica e documental. Nosso trabalho buscará, não somente uma análise da obra em si, como também uma pesquisa acerca de toda fortuna crítica de Amando Fontes, publicada em artigos, jornais e dissertações de mestrado, percebendo as análises existentes sobre sua produção literária,

ênfatizando aquelas referentes à obra *Os Corumbas*. Esta etapa da pesquisa nos auxiliará a compreendermos também a inserção do autor na História da Literatura Brasileira.

Ressaltamos, contudo, a possibilidade de flexibilização dos pressupostos teóricos e metodológicos utilizados. Na medida em que a interdisciplinaridade faz-se necessária na História Cultural, a utilização de métodos complementares deve ser cogitada, pois as conexões entre os diversos conhecimentos contribuirão para uma compreensão do fenômeno histórico de forma mais abrangente.

Desta forma, entendemos que, como projeto de pesquisa, as discussões apresentadas e as fontes a serem utilizadas não se constituem em um trabalho fechado, necessitando, portanto, de um maior aprofundamento, de modo a estabelecer uma pesquisa consistente e de acordo com os pressupostos teóricos e metodológicos que a boa historiografia requer.

FONTE

FONTES, Amando. **Os Corumbas**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1971.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE Júnior, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 4ª ed., SP: Cortez, 2009.

ANKERSMIT, Frank R. La verdade en la literatura y en la historia. IN: OLÁBARRI, J. & CAPISTEGUI, Francisco J. (orgs). *La nueva historia cultural: La influencia Del postestructuralismo y El auge de La interdisciplinaridad*. Madrid: Editorial Complutense, 1996, p. 49-68.

- _____ Verdade na história e na literatura. IN: A escrita da História: a natureza da representação histórica. Londrina: Eduel, 2012, p. 269-302)
- BRAUDEL, Fernand. A Longa Duração. **IN: História e ciências sociais**. 4. ed. Lisboa, Portugal: Presença, 1986. p. 7-39.
- CARDOSO, Ciro Flamarion Cardoso & VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CHARTIER, Roger. **História e Literatura**. Disponível em: http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/Topoi01/01_debate01.pdf. Acessado em 2/12/12.
- CORRÊA, Mariza. “Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal”. IN: Dossiê: Feminismo em questão, Questões do feminismo. *Cadernos Pagu* (16). Campinas: UNICAMP, 2001, p.13-30.
- DACANAL, José Hildebrando. **O Romance de 30**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- FERNÁNDEZ-ARRESTO. F. Introdução: sob a coruja – verdade, tempo e história. IN: **Verdade: uma história**. Tradução de Beatriz Vieira. Rio de Janeiro: Record, 2000, p.15-23
- GONÇALVES, Andréa Lisly. **História e Gênero**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- KOSELLECK, Reinhart. Prefácio. IN: **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006, p. 13-18.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2ªed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2005.
- _____ **História & Literatura: uma velha-nova história**. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/1560> , 2006, Acessado em 2/1/2012.
- _____ Pedra e Sonho: os caminhos do imaginário urbano. IN: **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999, p.7-27.
- REIS, José Carlos. História e Verdade. IN: **História e teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade**. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 147-177.
- _____ O entrecruzamento entre narrativa histórica e narrativa de ficção. IN: O desafio historiográfico. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2010.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

16

SCOTT, Joan Wallach. Prefácio a Gender and Politics of History. IN: Debates. **Cadernos Pagu** (16). Campinas: UNICAMP, 1994, p.11-27.